

Educação Financeira e Covid-19: Uma análise do desempenho dos alunos na II Olimpíada Brasileira de Educação Financeira durante a pandemia do coronavírus

IRIS MARIA OLIVEIRA DE SOUSA

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

WENNER GLAUCIO LOPES LUCENA

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo

O cenário mundial deparou-se com o surto de um vírus desconhecido, obrigando os líderes governamentais a tomarem decisões que modificou a dinâmica social. Diante do contexto, a população brasileira encontrou-se com diversos desafios financeiros, modificando sua forma de consumo e vivência. Esse estalo global escancarou a necessidade de estar atento aos níveis de educação financeira que a população possui e como ocorre sua aplicabilidade durante a pandemia ocasionada pelo COVID-19. Frente a essa realidade, esse trabalho objetivou analisar o desempenho dos estudantes brasileiros do ensino educacional básico na realização da II Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (II OBEP) diante do contexto de pandemia. A II OBEP destina-se a todos os estudantes regularmente matriculados em escolas públicas e privadas, do ensino Fundamental I ao Ensino Médio. As provas abordam questionamentos acerca de temáticas como produção e consumo; orçamento pessoal e familiar; planejamento financeiro; custos, despesas, receitas, preço e lucro; conceitos de educação financeira; investimento e etc. Utilizou-se de maneira quantitativa a análise de frequências estatísticas para analisar o desempenho dos alunos, utilizou-se ainda da inferência estatística para assimilar o desempenho às variáveis estudadas. Constatou-se que 63,4% dos participantes do sexo masculino obtiveram pontuação excelente em contraponto a 57,3% das participantes do sexo feminino. Ademais, mostrou-se que os alunos mais novos pertencentes ao Nível 1 (2º a 3º ano do Ensino Fundamental I) obtiveram um desempenho excelente, concentrando 96,1% das pontuações entre 7,68 e 10. Constatou ainda um alto desempenho das regiões Sudeste, Sul e Centro Oeste, ensejando um maior preparo dos alunos dessas regiões. Por fim, constatou-se que não há significância evidenciada por meio da inferência estatística que confirme associação entre a participação na primeira I OBEP e o desempenho obtido na II OBEP.

Palavras chave: Educação Financeira, Alfabetização Financeira, COVID-19.

1. Introdução

O surto da COVID-19 se iniciou na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, no quarto trimestre de 2019 e em março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada como uma pandemia (disseminação mundial de uma nova doença), reconhecendo vários surtos da nova doença em vários países e regiões do mundo (Lemos, 2021; Rossini, 2020).

Em decorrência do desenfreado surto de contaminação, todo o território global foi obrigado a modificar a dinâmica social em todas suas esferas na tentativa de minimizar os malefícios socioeconômicos acarretados pela inserção do novo vírus. Diante desse cenário, medidas de isolamento social e de *lockdown* remodelaram a forma como a sociedade vive, trabalha, estuda e consome.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Locomotiva Instituto de Pesquisa em 18 de abril de 2020, a renda pessoal de 62% dos brasileiros economicamente ativa diminuiu em decorrência da pandemia do coronavírus. Nesse mesmo período também foi possível constatar o crescente interesse da população brasileira pela Educação Financeira. Dados da mesma pesquisa revelam que cerca 41% dos entrevistados passaram a pesquisar mais sobre educação financeira, 47% relataram que passaram a fazer planos sobre o futuro e 53% expuseram que a chegada da COVID-19 os incentivou a sair da zona de conforto (Yzabek, 2020; Locomotiva Instituto de Pesquisa, 2020)

Outro estudo realizado em 02 de maio de 2020 pela da Confederação Nacional das Indústrias (CNI) revelou que 3/4 dos brasileiros foram obrigados a realizar cortes em gastos pessoais em seu cotidiano (Locomotiva Instituto de Pesquisa, 2020). Isso indica a ausência de planejamento financeiro e a não utilização de orçamento pessoal por parte dos indivíduos, pois essas ferramentas são responsáveis por ajudar as pessoas a administrarem seus recursos financeiros e principalmente no resguardo de dinheiro para épocas conturbadas da economia (Carraro & Merola, 2018).

Sobretudo, o exercício da Educação Financeira na sociedade se mostra ainda difícil. É fato que o processo de aprendizagem e a conseguinte capacitação dos indivíduos para administrar seus recursos financeiros não é fácil, principalmente para as pessoas que nunca tiveram contato com a Educação Financeira em sua vida educacional (Carvalho & Scholz, 2018).

Diante de todas as modificações ocasionadas pela ascensão da crise do COVID-19, ficou ainda mais evidente a necessidade do conhecimento da Educação Financeira e dos fatores que influenciam para o desenvolvimento deste processo de aprendizagem. Para Carvalho e Scholz (2018), o desequilíbrio financeiro em que muitos indivíduos se encontram, demonstra a necessidade de que o sistema educacional básico incorpore ferramentas para disseminar conhecimento da área financeira, bem como o desenvolvimento do lado crítico para tomada de decisão que são apresentadas no cotidiano para os indivíduos.

Frente aos fatos mencionados, a Educação Financeira se porta como uma ferramenta que auxilia à obtenção de qualidade de vida e minimiza os possíveis malefícios ocasionados em tempos de crise. Dessa maneira, há a inevitável necessidade de atentar-se ao rumo do processo de alfabetização financeira da sociedade, em especial das crianças e jovens que são os protagonista do futuro da nação.

Pensando nisso, a II Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (OBEF) emerge como instrumento para incentivar a discussão da Educação Financeira nas escolas, promover a inclusão social por meio da competição, além de, por meio de seus resultados, fornecer informações para o desenvolvimento de políticas públicas, no sentido de minimizar os problemas financeiros existentes na nossa sociedade (Educação Financeira Para Toda a Vida, 2020).

Em consequente, o presente trabalho tem como objetivo analisar o desempenho dos estudantes brasileiros do ensino educacional básico na realização da II Olimpíada Brasileira de Educação Financeira diante do contexto de pandemia. Pretendeu-se analisar fatores que podem contribuir para o conhecimento do nível de conhecimento dos alunos e desse modo, auxiliar no processo de implementação de ferramentas que corroborem com o desenvolvimento desse conhecimento para crianças e jovens do país.

2. Referencial Teórico

2.1 O papel da Educação Financeira durante crises

A Educação Financeira é uma ferramenta poderosa para possibilitar qualidade de vida e, em pensamento a longo prazo, manter a população resguardada de eventuais imprevisibilidades. Nesse sentido, a Educação Financeira é o conhecimento e compreensão dos conceitos e riscos financeiros, bem como suas habilidades, motivação e confiança para aplicá-los com o intuito de tomar decisões eficazes por meio de um gama de contextos financeiros, para melhorar o bem-estar financeiro dos indivíduos e da sociedade, e para permitir a participação deles na vida econômica (GLEIF, 2018).

Pensando nessa perspectiva, a Educação Financeira demonstra-se ser eficaz a qualquer tempo, principalmente em tempos de incerteza econômica. Sobretudo, esse entendimento deve ocorrer de forma contínua, é necessário um processo de aprendizagem que capacite a população a tomar decisões em situações favoráveis e de crise. Ferramentas como o orçamento pessoal e o planejamento financeiro são fundamentais para a posterior criação de reservas de emergências, bem como o alcance de realizações pessoais (Carraro & Merola, 2018).

Lusardi e Mitchel (2013) afirmam que na abordagem econômica convencional sobre decisões financeiras que envolve poupança e consumo pressupõe-se que um indivíduo totalmente racional e bem informado consumirá menos do que sua renda em tempos de alta econômica e dessa forma irá economizar para provisionar seu consumo quando a economia estiver em crise.

Essa premissa, apesar de ainda ser uma irrealdade para grande parte da população, se mostra relevante quando nota-se as consequências que uma crise pode ocasionar. De acordo com Freitas (2020) em publicação para o site Politize! a renda coletiva das famílias norte-americanas teve uma queda de mais de 25% entre 2007 e 2008 em decorrência da crise financeira americana de 2008. Esse dado demonstra a fragilidade econômica que pode ser vivenciada de forma inesperada por qualquer indivíduo.

De certo, as crises são eventos imprevisíveis que acarretam diversos malefícios para as finanças pessoais de toda população. Sobretudo, a depender da relação que o indivíduo possua com a administração de seus recursos financeiros, esses infortúnios podem ser minimizados através de uma reserva de emergência ou a prática do empreendedorismo, por exemplo. A medida que esses conjuntos individuais de boas práticas financeiras se disseminam na sociedade e ocorrem de forma contínua, podem contribuir para melhoria do país em situações normais, bem como na capacidade de lidar com situações de crise. Essas ações individuais são benéficas para capacitação financeira da população. Essa capacitação, por sua vez, está diretamente ligada ao desenvolvimento financeiro e econômico de um país (Grohmann et al., 2018).

2.2 O desenvolvimento da Educação Financeira no Brasil e a Covid-19

A Educação Financeira no Brasil caminha a passos lentos em seu desenvolvimento quando comparado à países que apostam no ensino da temática há tempos e se tornaram

referência, como a Estônia e Finlândia que lideraram *Ranking* do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) 2018 sobre Educação Financeira (OCDE, 2020). Dados de uma pesquisa realizada em abril de 2020 pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), revela que apenas 21% das pessoas tiveram educação financeira até os 12 anos de idade – destes, 45% não compartilham ou passam poucas informações sobre o orçamento da casa para seus filhos. A pesquisa ainda aponta que 42% aprenderam sobre o tema com ensinamentos do seus pais e 37% delas não costumam falar sobre a situação financeira com os próprios parceiros.

No Brasil, estima-se que o sucesso do Plano Real, em 1994, despertou na população brasileira uma mudança incipiente na forma de perceber e gerir suas finanças pessoais, após a população passar por períodos de alta inflação em que o poder de compra era garantido apenas pelo ajuste ao comportamento do consumidor, a estabilidade inflacionária foi alcançada, forçando mudanças na forma de gestão do dinheiro (Lizote & Verdinelli, 2014).

Em consequente, com o intuito de disseminar a educação financeira, aumentar a eficiência e solidez do sistema financeiro e também contribuir para o fortalecimento da cidadania, membros do Sistema Financeiro Nacional (SFN) propuseram a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) em 2007, instituída oficialmente em 2010 por meio do Decreto n.º 7.397/10. A Estratégia Nacional de Educação Financeira promoveu iniciativas significantes para promoção da Educação Financeira nas escolas e para a sociedade em geral. Uma dessas iniciativas foi criação da Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (OBEF) promovida pelo projeto de extensão “Educação Financeira para toda a vida” da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018 integrou como obrigatório o “estudo de conceitos básicos de economia e finanças visando à educação financeira dos alunos” (BRASIL, 2018) às propostas pedagógicas das escolas brasileiras.

Com a inesperada chegada do COVID-19 instituindo a pandemia e o isolamento social, obrigou a sociedade a enfrentar diversos desafios financeiro. Dados de junho de 2020 da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) mostra que o hábito financeiro dos brasileiros mudaram em decorrência da pandemia. A pesquisa revela que dos entrevistados, 51% afirmam terem diminuído gastos, 27% passaram a guardar mais recursos para possíveis incertezas no futuro e 22% começaram a atrasar o pagamento de boletos ou contas.

Apesar das mudanças mencionadas acima terem sido ocasionadas forçadamente, é notável que apesar dos malefícios, foi possível desenvolver um raciocínio mais crítico quanto as finanças advindas da população, isso é algo positivo se as mudanças individuais permanecerem no pós-crise. Craven et al. (2020) afirma em seu estudo sobre os impactos do COVID-19 no direcionamento do comércio Chinês e o comportamento do consumidor que os costumes adquiridos pelos consumidores de modo geral, tendem a manter suas preferências e não são suscetíveis de voltar aos antigos costumes mesmo no pós-crise.

Com esse pensamento, espera-se que a população brasileira continue a se desenvolver financeiramente e adotar bons costumes e práticas financeiras que auxiliem a administração de seus recursos e conseqüentemente prover qualidade de vida e proteção financeira em possíveis cenários adversos da economia.

2.3 II Olimpíada Brasileira de Educação Financeira

O projeto “Educação Financeira Para Toda a Vida” da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) é o criador da iniciativa intitulada Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (OBEF). A ideia do projeto ocorreu em 2008 durante a realização de um curso de especialização em Finanças Empresariais. O atual coordenador do projeto notou o total despreparo dos alunos

da especialização frente as suas finanças pessoais. Após deparar-se com essa realidade, percebeu a necessidade de instigar o conhecimento da Educação Financeira na sociedade. A partir desse evento, o fundador e coordenador do projeto passou a pesquisar acerca da temática e descobriu sobre a iniciativa do governo federal de Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). A partir daí, pesquisas e estudos fomentaram o surgimento do projeto e em 2012 foi oficialmente submetido ao Programa de Extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com a aprovação, iniciou suas atividades. Nesses quase 9 anos de história, o Educação Financeira Para Toda a Vida vem fomentando diversas ações que objetivam disseminar a Educação Financeira para crianças, jovens e adultos (Educação Financeira Para Toda a Vida, 2019).

As raízes do projeto são embasadas em levar a Educação Financeira para todos de forma gratuita e simplificada. Sua primeira ação foi na Escola de Educação Básica, situada dentro da UFPB. Nesse feito, a equipe do projeto ministravam aulas sobre Educação Financeira para as turmas do Ensino Fundamental I (do 1º o 5º ano), ação essa que permanece nos dias atuais e expandiu-se, levando palestras e oficinas para demais instituições da Paraíba (Educação Financeira Para Toda a Vida, 2019).

Em 2017, o projeto agregou mais uma ação ao seu escopo e idealizou a I Olimpíada Paraibana de Educação Financeira (I OPEF), direcionada a todos os estudantes da rede pública e privada do estado da Paraíba. Essa iniciativa conseguiu o apoio e incentivo de diversas escolas e em seu primeiro ano alcançou a marca de aproximadamente 1.000 inscritos. Em 2018, na 2ª Edição da Olimpíada Paraibana de Educação Financeira (II OPEF), o projeto contou com o quádruplo de inscritos, conquistados a marca de mais de 4.000 participantes. Com o avanço alcançado, viu-se a possibilidade de elevar a Olimpíada Paraibana a nível nacional, e em 2019, concomitante à III Olimpíada Paraibana de Educação Financeira (III OPEF), realizou-se a I Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (I OBEF), contando com mais de 40.000 participantes (Educação Financeira Para Toda a Vida, 2019; UFPB, 2019).

A I OBEF seguiu os moldes da Olimpíada Paraibana de Educação Financeira em questão de estrutura, objetivos e processo, acrescentando apenas mais uma fase na Olimpíada, a etapa Nacional. Dessa forma, a I OBEF ocorreu em 3 fases: 1º fase ocorrendo nas escolas; 2º fase considerada Regional, na qual abrangia os alunos que acertam 75% da primeira prova, ou até 30% do número de inscritos da primeira prova; por fim, tem-se a 3º fase, chamada de fase Nacional onde os medalhistas regionais competiram entre si.

Os alunos foram divididos em 5 níveis, sendo Nível 1 - alunos do 2º ano ao 3º ano do ensino fundamental I; Nível 2 - alunos do 4º ano ao 5º ano, do ensino fundamental I; Nível 3 - alunos do 6º ano ao 7º ano, do ensino fundamental II; Nível 4 - alunos do 8º ano ao 9º ano, do ensino fundamental II; e Nível 5 - alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio. As provas continham questões sobre juros, uso do dinheiro, perfil de gastos e outras questões correlatas, com o objetivo de avaliar seus conhecimentos na área.

Em 2020, a II Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (II OBEF) necessitou modelar sua realização em decorrência da pandemia. Tendo isso em vista, os diversos desafios acometidos à sociedade, em especial ao sistema educacional, a Coordenação Nacional da Olimpíada decidiu realizá-la de maneira remota, para garantir a seguridade de todos os participantes e também em uma única fase (UFPB, 2020). Dessa forma, a II OBEF acompanhou os desafios ocasionados pelo COVID-19 e se manteve presente para alcançar seus objetivos frente a nova conjuntura social. Os objetivos da II OBEF estão contidos na tabela 1.

Tabela 1. Objetivos da II Olimpíada Brasileira de Educação Financeira

Objetivos	
1	Estimular e promover o estudo da Educação Financeira nas instituições de ensino de cada Estado da federação brasileira
2	Contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Financeira no Brasil
3	Despertar o interesse de crianças e adolescentes no aprendizado da Educação Financeira desde a infância, acompanhando todo o seu desenvolvimento
4	Contribuir para a integração das instituições de ensino com a Universidade Federal da Paraíba e demais parceiras
5	Contribuir para erradicação da pobreza por meio de novas tecnologias sociais incluindo microfinanças
6	Oportunizar aos jovens vivenciar um processo de alfabetização e apreensão de conhecimentos básicos em Educação Financeira
7	Fornecer informações para o desenvolvimento de políticas públicas, no sentido de minimizar os problemas financeiros existentes em nossa sociedade, para as futuras gerações
8	Contribuir para o empoderamento da população nacional a alcançar o crescimento de renda, promovendo a inclusão social por meio de políticas fiscais, econômicas e financeira

Fonte: Edital Suplementar II OBEF. Disponível em <https://www.ufpb.br/educacaofinanceira>.

Na II OBEF as provas de Nível 1 contiveram 10 questões e os demais níveis 15 questões. Todos os participantes receberam certificados de participação e para os alunos que obtiveram os melhores desempenhos foi concedido certificação de bronze, prata e ouro.

3. Procedimentos Metodológicos

Esse trabalho tem como objetivo analisar o desempenho dos estudantes brasileiros do ensino educacional básico na realização da II Olimpíada Brasileira de Educação Financeira diante do contexto de pandemia. Nesse sentido, essa pesquisa enquadra-se como exploratória e usou de dados quantitativos e qualitativos primários. Os dados foram fornecidos pela Coordenação Nacional da Olimpíada.

A OBEF ocorreu de forma remota entre os dias 23 e 27 de Novembro de 2020, por meio da plataforma *Remark Cloud*. Realizou-se por meio de questões objetivas sobre o conhecimento em educação financeira, subdividindo-se em cinco níveis. Cada nível comporta as séries dos estudantes, mostrados na Tabela 2.

Tabela 2. Níveis e dias de prova da II OBEF

Níveis	Séries	Realização da Prova
Nível 1	2º ano ao 3º ano do ensino fundamental I	23/11/2020
Nível 2	4º ano ao 5º ano, do ensino fundamental I	24/11/2020
Nível 3	6º ano ao 7º ano, do ensino fundamental II	25/11/2020
Nível 4	8º ano ao 9º ano, do ensino fundamental II	26/11/2020
Nível 5	1º ao 3º ano do ensino médio	27/11/2020

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

As provas contiveram 2h00min de duração para realização, sendo composta de questões de múltipla escolha, compondo 10 questões para o nível 1 e 15 questões para os demais níveis. Para este artigo, os acertos nas provas foram transformados de maneira proporcional para estarem contidos dentro de uma escala de notas que vai de 0 à 10 pontos.

A amostra de pesquisa é formada pelos participantes da prova, compreendendo um total de 2.062 alunos do ensino fundamental e médio. A amostra desse estudo caracteriza-se como não probabilística por acessibilidade.

A partir do resultado das provas foram apurados os dados de cunho individual que constituíram as variáveis qualitativas desse estudo: sexo, níveis, regiões e participação na 1ª edição da OBEF. Os mecanismos de pesquisa buscaram analisar o desempenho dos alunos na II OBEF tendo em vista os desafios acarretados pela sua realização durante a pandemia.

Foram utilizados os Softwares Excel para tabulação dos dados fornecidos pelo Remark Cloud bem como para a realização de tratamento básico de medidas estatísticas para análise.

Foi realizada análise de frequências estatísticas por meio da ferramenta *Excel* para analisar o desempenho dos alunos, com objetivo de explicar a correlação ou covariância de dependência das variáveis observadas.

Para análise de frequência realizou-se uma tabela de frequência por classes com o propósito de criar categorias para o desempenho dos alunos. O quantitativo de classes obedeceu a equação proposta pela *Regra de Sturges*.

$$c \cong 1 + 3,3 \log_{10} n$$

Onde n representa o número de observações.

Ademais, utilizou-se da Inferência Estatística pelo método de Qui-Quadrado para verificar a associação das variáveis estudadas. Esse método inferencial procura comparar a dependência das variáveis qualitativas e averiguar se uma interfere noutra.

Utilizou-se ainda o software livre RStudio para a criação de visualizações gráficas.

4. Análise de Dados

Primeiramente, será apresentada uma breve análise quantitativa dos dados, levando em consideração o total de inscritos na II OBEF e os alunos que efetivamente realizaram a prova.

Tabela 3. Análise quantitativa dos dados da pesquisa

Variáveis	Fatores	Inscritos		Participantes	
		Nº de Alunos	%	Nº de Alunos	%
Sexo	Masculino	1636	46,4%	956	46,4%
	Feminino	1884	53,6%	1106	53,6%
Nível	Nível 1	286	8,1%	181	8,8%
	Nível 2	456	13,0%	300	14,5%
	Nível 3	831	23,6%	474	23,0%
	Nível 4	862	24,5%	574	27,8%
	Nível 5	1085	30,8%	533	25,8%
Região	Centro-Oeste	446	12,7%	273	13,2%
	Nordeste	1239	35,2%	838	40,6%
	Norte	386	11,0%	129	6,3%
	Sudeste	428	12,2%	211	10,2%
	Sul	1021	29,0%	611	29,6%
Participação na I OBEF	Não	2927	83,2%	1652	80,1%
	Sim	593	16,8%	410	19,9%
Inscritos Totais = 3520				Participantes Totais = 2062	

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

Primeiramente, nota-se uma queda de aproximadamente 41% no total de inscritos com relação aos alunos que efetivamente realizaram a prova. Essa queda é expressiva e demonstra as dificuldades de adaptação dos estudantes aos novos formatos remotos de educação na qual a II OBEF necessitou adaptar-se. Estudo realizado entre agosto e setembro de 2020 pela

Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) relata que 67% dos alunos se queixam de dificuldades em estabelecer e organizar uma rotina diária de estudos durante a pandemia. Esse dado corrobora com a expressiva queda de participação constatada acima (Okumura, 2020).

O quantitativo de participantes do sexo feminino foi superior em aproximadamente 7,2% em comparação participantes do sexo masculino, entretanto esse dado não representa uma discrepância significativa na amostra. A distribuição entre os níveis mostra que os estudantes do Ensino Fundamental I (Nível 1 e Nível 2) representaram a menor parcela da amostra, representando aproximadamente 23,4% dos participantes na prova. Em contraposto, os estudantes do Nível 4 (alunos do 8º ano ao 9º ano, do ensino fundamental II) tem a maior representação amostral (27,8%), seguido dos alunos do Ensino Médio (Nível 5) com 25,8% de participantes.

Entre as distribuições regionais tem-se a majoritária participação da região Nordeste (40,6%) e da região Sul (29,6%) representando 70,2% dos alunos na amostra. Entretanto, mesmo a região Sul estando em segundo lugar com relação a participação de alunos, mostrou-se consistente em relação ao quantitativo de inscritos que efetivamente realizaram as prova, evidenciando que apenas 0,6% dos alunos inscritos não concluíram a realização da II OBEF. Ademais, constatou-se que 80,1% dos participantes da II OBEF não participaram da 1º edição da Olimpíada.

Em consequente será analisado o desempenho dos alunos. Para essa análise, o desempenho dividiu-se em 12 classes, agrupadas em 3 categorias (ruim, bom e excelente), cada classificação engloba 4 faixas das classes de desempenho, definidos a partir da pontuação dos estudantes.

Tabela 4. Análise do desempenho dos alunos nas provas da II OBEF (2020)

Classificação	Pontuação	Frequência	%
Ruim	0 a 0,83	9	0,4%
	0,84 a 1,67	22	1,1%
	1,68 a 2,50	44	2,1%
	2,51 a 3,33	133	6,5%
	Total	208	10,1%
Bom	3,34 a 4,17	80	3,9%
	4,18 a 5,00	77	3,7%
	5,01 a 5,83	109	5,3%
	5,84 a 6,67	348	16,9%
	Total	614	29,8%
Excelente	7,68 a 7,50	240	11,6%
	7,51 a 8,33	274	13,3%
	8,34 a 9,17	231	11,2%
	9,18 a 10	495	24,0%
	Total	1240	60,1%
Total Geral		2062	100,0%

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

Com relação ao desempenho, constata-se que a maioria dos estudantes obteve um desempenho “Excelente” entre 7,68 e 10 pontos, representando 60,1% da amostra, desses alunos, as pontuações concentraram-se entre 7,51 a 8,33 (13,3%) e 9,18 a 10 (24%). De forma positiva, essa dominante concentração do desempenho “Excelente” sucede com o desempenho “Bom” dos estudantes, representando 29,8% da amostra e concentrando pontuações entre 5,84

a 6,67 (19,6%). Em aditivo, apenas 10,1% dos estudantes obtiveram pontuações enquadradas na classificação “Ruim”.

As constatações acima são positivas e denotam sobre um bom desempenho geral dos alunos frente as dificuldades educacionais ocasionados pela adaptação ao ensino remoto e a consequente realização da II OBEF em novos moldes. Em aditivo, a média geral dos estudantes foi de 7,17 e a amostragem obteve um desvio padrão de 2,27, representando um baixo grau de dispersão das pontuações.

As análises a seguir demonstrarão a correlação do desempenho com as demais variáveis desse estudo. Isso será feito de forma descritiva por meio da análise fatorial das tabelas de frequência, da qual objetiva verificar ligações das variáveis observáveis e analisar a possível existência de associação entre as variáveis que estão na linha (Desempenho) em contraste com as variáveis que estão nas colunas (Gênero, Nível, Região, Participação na I OBEF). Em aditivo cada comparação será submetida à Estatística Inferencial por meio do teste qui-quadrado.

4.1 Pontuação x Gênero;

Para fins de analisar a variável Sexo, seguiu-se o mesmo processo de análise de frequência pelas classes para análise de desempenho.

Tabela 5. Análise de Desempenho pela variável gênero

Classificação	Pontuação	Masculino	%	Feminino	%
Ruim	0 a 0,83	4	0,4%	5	0,5%
	0,84 a 1,67	11	1,2%	11	1,0%
	1,68 a 2,50	19	2,0%	25	2,3%
	2,51 a 3,33	50	5,2%	83	7,5%
	Total	84	8,8%	124	11,2%
Bom	3,34 a 4,17	28	2,9%	52	4,7%
	4,18 a 5,00	28	2,9%	49	4,4%
	5,01 a 5,83	41	4,3%	68	6,1%
	5,84 a 6,67	169	17,7%	179	16,2%
	Total	266	27,8%	348	31,5%
Excelente	7,68 a 7,50	114	11,9%	126	11,4%
	7,51 a 8,33	138	14,4%	136	12,3%
	8,34 a 9,17	110	11,5%	121	10,9%
	9,18 a 10	244	25,5%	251	22,7%
	Total	606	63,4%	634	57,3%
Total Geral	956	100,00%	1106	100,0%	

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

Apesar dos participantes do sexo feminino estarem em maior quantidade na amostra, os participantes do sexo masculino performaram de forma mais expressiva dentro do desempenho “Excelente”, demonstrando que 63,4% dos meninos atingiram pontos entre 7,68 e 10 pontos, concentrando 25,5% das pontuações entre 9,18 e 10. Para as meninas, o desempenho “Excelente” foi obtido por pouco mais da metade das participantes (57,3%) e 32,5% alcançaram notas entre 3,34 e 6,67 (Classificação “Bom”). Além disso, as meninas obtiveram maior concentração de desempenho “Ruim” do que os meninos.

A tabela 6 apresenta o teste de Qui-Quadrado, realizado em Excel. Para realizar o teste, a variável “Pontuação” foi transformada em variável qualitativa, assumindo “Satisfatório” para pontuações iguais ou acima da média 5. Para as pontuações inferiores a média, atribuiu-se

“Insatisfatório”. O grau de significância fixado foi o de 0,05 por ser o mais usual. Tendo isso em vista, o resultado obtido é de valor-p inferior a 0,05, inferindo que há evidências de que haja associação da variável Gênero com o resultado satisfatório obtido na prova.

Tabela 6. Teste de Qui-Quadrado Pontuação x Sexo

Pontuação	Dado Real		Dado Esperado	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Insatisfatório	230	145	199,08	172,08
Satisfatório	876	811	906,92	783,92
Totais	1106	956	1106	956
Total Geral	2062		2062	
Teste Qui-Quadrado	0,00073			

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

De acordo com a especialista Flores-Ane, administradora principal da área de Educação Financeira da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), os testes que normalmente são realizados demonstram que as mulheres e as jovens tendem a ter menor capacidade numérica em decorrência de insegurança quanto a questões matemática, ao contrário dos homens que tendem a ter excesso de confiança. No geral, ela relata que esse acontecimento não é fácil de explicar (Almas, 2017).

Para Azar e Mejía (2020) as mulheres possuem menor confiança em questões financeira e temem mais aos riscos do que os homens. Dessa maneira, em média, o comportamento feminino tende a ser diferente do comportamento masculino em diversas situações financeiras, fazendo com que tomem estratégias diferentes para lidar com situações críticas. Exemplificam que os homens são mais propensos a economizar por meio de mecanismos informais, ao passo que a mulher prefere cortar gastos. Esse pensamento evidencia um possível comportamento financeiro mais conservador por partes das mulheres, influenciando nos níveis de conhecimento acerca da temática.

4.2 Pontuação x Níveis

Tabela 7. Análise de Desempenho pela variável Nível

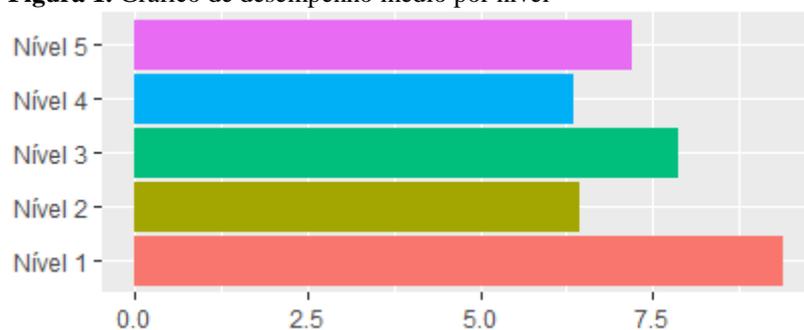
Classificação	Pontuação	N1	%	N2	%	N3	%	N4	%	N5	%
Ruim	0 a 0,83	0	0,0%	3	1,0%	2	0,4%	2	0,3%	2	0,4%
	0,84 a 1,67	2	1,1%	0	0,0%	2	0,4%	12	2,1%	6	1,1%
	1,68 a 2,50	0	0,0%	2	0,7%	11	2,3%	26	4,5%	5	0,9%
	2,51 a 3,33	1	0,6%	12	4,0%	21	4,4%	69	12,0%	30	5,6%
	Total	3	1,7%	17	5,7%	36	7,6%	109	19,0%	43	8,1%
Bom	3,34 a 4,17	0	0,0%	17	5,7%	17	3,6%	32	5,6%	14	2,6%
	4,18 a 5,00	0	0,0%	14	4,7%	18	3,8%	32	5,6%	13	2,4%
	5,01 a 5,83	0	0,0%	20	6,7%	17	3,6%	38	6,6%	34	6,4%
	5,84 a 6,67	4	2,2%	102	34,0%	44	9,3%	89	15,5%	109	20,5%
	Total	4	2,2%	153	51,0%	96	20,3%	191	33,3%	170	31,9%
Excelente	7,68 a 7,50	6	3,3%	82	27,3%	24	5,1%	60	10,5%	68	12,8%
	7,51 a 8,33	13	7,2%	45	15,0%	47	9,9%	75	13,1%	94	17,6%
	8,34 a 9,17	31	17,1%	3	1,0%	63	13,3%	62	10,8%	72	13,5%

	9,18 a 10	124	68,5%	0	0,0%	208	43,9%	77	13,4%	86	16,1%
Total		174	96,1%	130	43,3%	342	72,2%	274	47,7%	320	60,0%
Total Geral		181	100,0%	300	100,0%	474	100,0%	574	100,0%	533	100,0%

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

Com relação ao desempenho por níveis, o Nível 1 teve um desempenho expressivo com relação a classificação "Excelente", concentrando 96,1% das pontuações dos participantes, dentro do grupo, houve centralização de 85,6% das pontuações entre 8,34 e 10. Os níveis 3 e 5 sucedem o ranking de melhores pontuação, concentrando respectivamente 72,2% e 60% das pontuações na classificação "Excelente". O Nível 2 destaca-se por manter pouco mais da metade (51%) das pontuações entre 3,34 e 6,67, considerada a classificação "Bom". Em comparativo, o Nível 4 desempenhou um pouco abaixo dos demais níveis, tendo 19% das pontuações entre 0 e 3,33 (Classificação "Ruim"). As constatações acima são visualmente perceptíveis na figura 1, onde representa o desempenho médio dos níveis.

Figura 1. Gráfico de desempenho médio por nível



Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

Apesar dos alunos estarem no início da vida escolar durante o Ensino Fundamental I (Nível 1 e Nível 2), percebe-se que conseguiram atingir excelentes resultados, mesmo enfrentando as readequações causadas pela pandemia. Em contínuo, a maioria dos alunos do Ensino Fundamental II (com exceção do Nível 4) e Ensino Médio tiveram a maioria dos resultados considerados bons e excelentes.

Tabela 8. Teste de Qui-Quadrado Pontuação x Nível

Pontuação	Dado Real					Dado Esperado				
	N1	N2	N3	N4	N5	N1	N2	N3	N4	N5
Insatisfatório	3	48	71	173	70	32,58	54	85,32	103,32	95,94
Satisfatório	178	252	403	401	463	148,42	246	388,68	470,68	437,06
Totais	181	300	474	574	533	181	300	474	574	533
Total Geral	2062					2062				
Teste Qui Quadrado	0,00000									

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

Do ponto de vista inferencial, o teste de qui-quadrado realizado na Tabela 8 aponta p-valor inferior ao grau de significância 0,05, indicando evidências estatísticas de que haja associação da variável Nível com o resultado satisfatório obtido na prova (tabela 8). Entretanto, a partir dos dados, não se associa uma regularidade explícita do desempenho ser crescente em relação ao avanço dos níveis (ou das séries) dos participantes.

4.3 Pontuação x Região/Localidade;

Tabela 9. Análise de Desempenho pela variável Região

Classificação	Pontuação	CO*	%	NO*	%	NE*	%	SE*	%	SU*	%
Ruim	0 a 0,83	1	0,4%	3	0,4%	0	0,0%	2	0,9%	3	0,5%
	0,84 a 1,67	4	1,5%	8	1,0%	3	2,3%	2	0,9%	5	0,8%
	1,68 a 2,50	4	1,5%	28	3,3%	2	1,6%	1	0,5%	9	1,5%
	2,51 a 3,33	13	4,8%	74	8,8%	8	6,2%	9	4,3%	29	4,7%
	Total	22	8,1%	113	13,5%	13	10,1%	14	6,6%	46	7,5%
Bom	3,34 a 4,17	10	3,7%	35	4,2%	5	3,9%	10	4,7%	20	3,3%
	4,18 a 5,00	12	4,4%	30	3,6%	9	7,0%	4	1,9%	22	3,6%
	5,01 a 5,83	15	5,5%	40	4,8%	13	10,1%	12	5,7%	29	4,7%
	5,84 a 6,67	49	17,9%	135	16,1%	29	22,5%	33	15,6%	102	16,7%
	Total	86	31,5%	240	28,6%	56	43,4%	59	28,0%	173	28,3%
Excelente	7,68 a 7,50	27	9,9%	90	10,7%	17	13,2%	29	13,7%	77	12,6%
	7,51 a 8,33	39	14,3%	107	12,8%	11	8,5%	25	11,8%	92	15,1%
	8,34 a 9,17	32	11,7%	78	9,3%	13	10,1%	26	12,3%	82	13,4%
	9,18 a 10	67	24,5%	210	25,1%	19	14,7%	58	27,5%	141	23,1%
	Total	165	60,4%	485	57,9%	60	46,5%	138	65,4%	392	64,2%
Total Geral		273	100%	838	100%	129	100%	211	100%	611	100%

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

*CO – Centro Oeste; NO – Nordeste; NE – Norte; SE – Sudeste; SU – Sul.

As regiões Sudeste, Sul e Centro Oeste tiveram os melhores desempenhos, representando respectivamente 65,4%, 64,2% e 60,4% das pontuações na classificação “Excelente”. As três regiões tiveram um percentual muito baixo de pontuação entre 0 e 3,33 (classificação “Ruim”), Sudeste com 6,6%, Sul com 7,5% e Centro Oeste com 8,1%. É válido salientar que essas regiões estiveram acima da média no Índice de Cidadania Financeira (ICF), realizado pelo Banco Central do Brasil entre 2015 e 2017. Este índice avalia 13 critérios que objetivam mensurar os avanços da educação e da inclusão financeira no Brasil (Banco Central do Brasil, 2018). Dado que a média nacional foi de 41,5 pontos, as regiões Sul obteve 63,5 o Centro Oeste 59,67 e Sudeste 51,8.

Os dados acima corroboram com ideia da necessária continuidade no aprendizado para a capacitação financeira da população para que os efeitos surtam a longo prazo. O desempenho excelente dessas regiões corroboram com a prerrogativa de que uma sociedade bem educada financeiramente pode diminuir os malefícios ocasionados por uma crise. Neste caso, essas mesmas regiões obtiveram resultados surpreendentes quanto ao desempenho da II OBEF mesmo enfrentando as readequações e dificuldades impostas pela pandemia.

A região nordeste teve mais de metade dos desempenho dos estudantes na classificação “Excelente” (57,9%), por esta razão performou melhor do que a região norte que, dentre as regiões, esteve mais presente na classificação “Bom”, com 43,4%.

Além das proposições ditas acima, do ponto de vista inferencial, o teste de qui-quadrado mostrado na tabela 10 procede em p-valor inferior ao grau de significância 0,05, indicando evidências estatísticas de que existe associação da variável Região com o resultado satisfatório obtido na prova.

Tabela 10. Teste de Qui-Quadrado Pontuação x Região

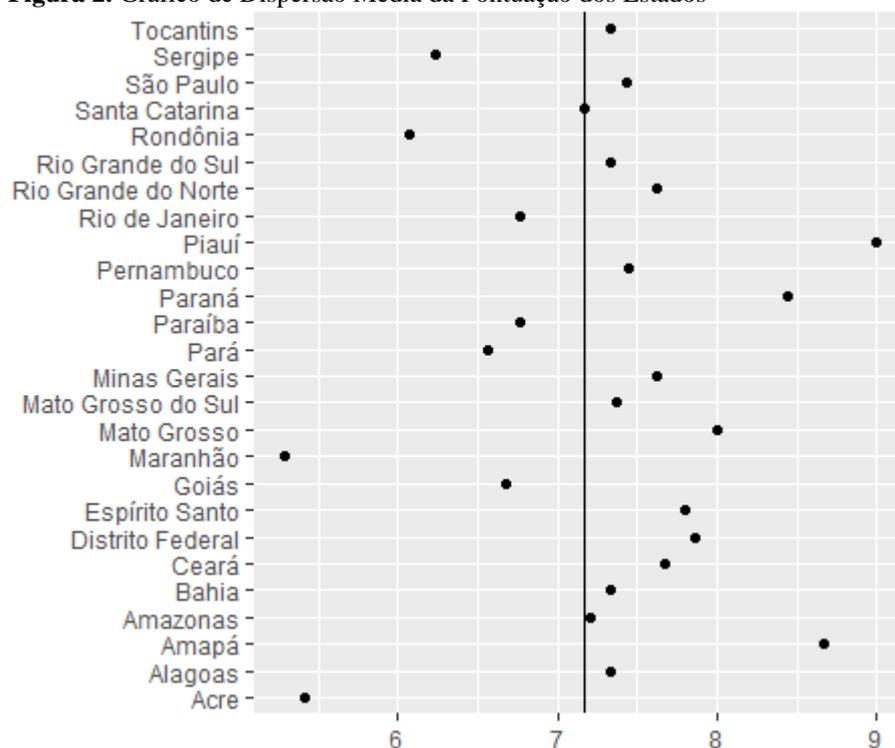
Pontuação	Dado Real					Dado Esperado				
	CO*	NO*	NE*	SE*	SU*	CO*	NO*	NE*	SE*	SU*
Insatisfatório	44	178	27	28	88	49,14	150,84	23,22	37,98	109,98
Satisfatório	229	660	102	183	523	223,86	687,16	105,78	173,02	501,02
Totais	273	838	129	211	611	273	838	129	211	611
Total Geral	2062					2062				
Teste Qui-Quadrado	0,00312									

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

*CO – Centro Oeste; NO – Nordeste; NE – Norte; SE – Sudeste; SU – Sul.

De forma complementar, mostra-se na figura 2 a média de pontuação obtida por todos os Estados Brasileiros e como se dispersam diante de sua média, representada pelo eixo vertical de cor preta no centro da imagem.

Figura 2. Gráfico de Dispersão Média da Pontuação dos Estados



Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

De modo geral, os Estados tenderam a manter-se próximo a média de pontuações geral (7,17), variando num intervalo de 6 a 8. Os Estados abaixo desse intervalo são o Acre e Maranhão, a análise individual desses Estados pode ser considerada como *outlier* pois possuem uma pequena quantidade de participantes em relação a amostragem geral (Acre com 8 participantes e Maranhão com 15 participantes).

Os Estados acima do intervalo de 6 a 8 seguem o mesmo preceito mencionado acima, pois Piauí possui apenas 1 participante que obteve nota acima de 8, Amapá com 2 participantes e Paraná com 20 participantes.

4.4 Pontuação x Participação na I OBEF

Por fim, analisou-se a variável “Participação na I OBEF” para averiguar a possível correlação entre o aprendizado adquirido na I OBEF e o desempenho obtido na edição da II OBEF em formato adaptado à pandemia.

Tabela 11. Análise de Desempenho pela variável Participação na I OBEF

Classificação	Pontuação	Não	%	Sim	%
Ruim	0 a 0,83	7	0,4%	2	0,5%
	0,84 a 1,67	20	1,2%	2	0,5%
	1,68 a 2,50	40	2,4%	4	1,0%
	2,51 a 3,33	114	6,9%	19	4,6%
	Total	181	11,0%	27	6,6%
Bom	3,34 a 4,17	68	4,1%	12	2,9%
	4,18 a 5,00	54	3,3%	23	5,6%
	5,01 a 5,83	94	5,7%	15	3,7%
	5,84 a 6,67	278	16,8%	70	17,1%
	Total	494	29,9%	120	29,3%
Excelente	7,68 a 7,50	190	11,5%	50	12,2%
	7,51 a 8,33	206	12,5%	68	16,6%
	8,34 a 9,17	189	11,4%	42	10,2%
	9,18 a 10	392	23,7%	103	25,1%
	Total	977	59,1%	263	64,1%
Total Geral		1652	100,0%	410	100,0%

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

A priori, nota-se que grande parte dos participantes da II OBEF não realizaram a I OBEF, entretanto, os que participaram concentraram 64,1% da pontuação na classificação “Excelente”, em contraponto à 59,1% dos resultados “Excelente” dos estudantes que não estiveram presente na primeira edição da OBEF.

A partir da análise acima, não percebe-se uma diferença significativa. Apesar dos alunos presentes na I OBEF representarem uma menor quantidade de alunos que tiveram de 0 a 3,33 (6,6% - Classificação “Ruim”), ambos os alunos que participaram e não participaram da I OBEF mantiveram-se, quase que de forma equivalente (diferença de apenas 0,6%) na classificação “Bom”.

Tabela 12. Teste de Qui-Quadrado Pontuação x Participação na I OBEF

Pontuação	Dado Real		Dado Esperado	
	Não	Sim	Não	Sim
Insatisfatório	303	62	297,36	73,8
Satisfatório	1349	348	1354,64	336,2
Totais	1652	410	1652	410
Total Geral	2062		2062	
Teste Qui-Quadrado	0,1189			

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da II OBEF (2020).

Do ponto de vista inferencial, ao realizar o teste de qui-quadrado o resultado de p-valor é superior ao grau de significância 0,05, indicando evidências de que não há associação da variável Participação na I OBEF com o resultado satisfatório obtido na prova. Corroborando com a análise feita anteriormente.

5. Considerações Finais

O objetivo desse trabalho foi o de analisar o desempenho dos estudantes brasileiros do ensino educacional básico na realização da II Olimpíada Brasileira de Educação Financeira diante do contexto de pandemia. Evidenciando a importância do conhecimento e aplicabilidade no cotidiano, em especial em tempos de crise. Além disso demonstra os prejuízos educacionais que divergem à ideia de uma capacitação contínua da sociedade para estarem aptos a administrar suas finanças em períodos conturbados, bem como obter qualidade de vida a longo prazo. Os resultados demonstram a defasagem do conhecimento financeiro principalmente em relação as regiões brasileiras e aos níveis (séries educacionais) dos participantes.

Em relação a análise do desempenho com relação ao sexo do participante, notou-se maior defasagem com relação ao sexo feminino, demonstrando ainda de forma inferencial que há um grau de significância, e conseqüentemente há associação entre o sexo do participante e o desempenho adquirido na II OBEF. Dando prerrogativas da importância de adquirir medidas que viabilizem a agregação de conhecimento e conseqüente progresso por parte do público feminino.

Com relação aos níveis, o Nível 4 que abrange os estudantes de série entre o 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II foi o que obteve um menor desempenho em relação aos outros níveis. Sobretudo, comprovou-se de forma inferencial que há significância entre os níveis e o desempenho do aluno, reforçando que há uma associação entre as duas variáveis. Apesar da maioria dos níveis apresentarem bons resultados, o Nível 1 liderou a posição de pontuação “Excelente”, concentrando 96,1% das pontuações. Esse fato se mostra relevante, pois a base educacional é imprescindível para o desenvolvimento a logo prazo desses estudantes. A medida que esse conhecimento solidifica-se, é possível aspirar um futuro de pessoas educadas financeiramente e preparadas para eventuais crises econômicas como a vivenciada atualmente pelo COVID-19.

Partindo para análise regional, houve uma disparidade visível entre as regiões Sudeste, Sul e Centro Oeste. Essas regiões apresentaram concentrações significativas de desempenho “Excelente”. Essa constatação vão de encontro com o estudo realizado entre 2015 a 2017 pelo Banco Central do Brasil acerca do Índice de Cidadania Financeira (ICF) onde afirma que essas regiões possuem boa inclusão e avanço da Educação Financeira. Já regiões Nordeste e Norte mostraram um desempenho inferior. Esses dados refletem uma desigualdade em relação a capacidade de aplicabilidade e compreensão financeira da população Nordestina e Nortista, se mostrando preocupante, pois crises como a do COVID-19 afetam economicamente os menos instruídos e favorecidos. Reflete a necessidade de equiparar o conhecimento e ter mais atenção à essas áreas.

A atual implementação de 2018 do tema de Educação Financeira de maneira integrada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) se mostra relevante e deve atentar-se à capacitação de profissionais aptos para fomentar esse conhecimento, principalmente em áreas menos instruídas como as regiões mencionadas nesse estudo (Nordeste e Norte). Essa modificações se mostram prósperas e necessárias. Com essas contemplações, pode-se prospectar menores conseqüências nocivas em possíveis futuras crises.

Por fim, constatou-se que a participação dos estudantes na I OBEF não obteve força significativa em termo inferenciais para afirmação de que houve associação entre o bom desempenho dos alunos advindo de uma possível obtenção de conhecimentos com a participação na 1º edição da OBEF.

Em concluso, as variáveis investigadas nesse estudo se mostram importantes de serem avaliadas para externar os possíveis fatores que associam-se ao nível de instrução financeira da sociedade em tempos normais e anormais como o que foi estudado neste artigo. Mostra-se como

instrumento para investigar os fatores que podem ser trabalhados em favor do desenvolvimento da temática. Ademais, traz resultados que corroboram para fomento da área de pesquisa, difundindo mais conhecimento acerca das defasagens no grau de conhecimento financeiro da população e os fatores que influenciam esse ensejo. Recomenda-se ainda, a investigação de outros fatores além do sexo, série e região geográfica e em maior janela temporal para efeitos comparativos e de acompanhamento do desenvolvimento da Educação Financeira na sociedade.

Referências

Almas, D. (2017, julho 27). As mulheres tendem a níveis mais baixos de conhecimento de finanças do que os homens. Disponível em: <https://observador.pt/2017/07/14/as-mulheres-tendem-a-ter-niveis-mais-baixos-de-conhecimento-de-financas-do-que-os-homens/>

Apud, M. (2020, abril 24). Ibope: Brasileiros não tiveram educação financeira na infância. Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/educacao-financeira/brasileiros-nao-tiveram-educacao-financeira-na-infancia/>

Apud, M. (2020, junho 11). Ibope: 9 em cada 10 brasileiros mudaram hábitos financeiros na pandemia. Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/educacao-financeira/ibope-brasileiros-habitos-financeiros-pandemia>.

Azar, K., Mejía D. (2020, maio 19). Inclusão financeira das mulheres diante da COVID-19. Disponível em: <https://www.caf.com/pt/conhecimento/visoes/2020/05/inclusao-financeira-das-mulheres-diante-da-covid-19/>

BCB [BANCO CENTRAL DO BRASIL]. Relatório de Cidadania Financeira, (2018). Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/nor/releidfin/index.html>.

BRASIL. (2018). Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica. Recuperado de http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

Carraro W. B. W. H., & Merola, A. (2018). Percepções Adquiridas Numa Capacitação Em Educação Financeira Para Adultos. *Revista Gestão e Planejamento*, 19, 414–435. <https://doi.org/10.21714/2178-8030gep.v19.4711>

Carvalho, L. A., & Scholz, R. H. (2018). “Se Vê O Básico Do Básico, Quando a Turma Rende”: Cenário Da Educação Financeira No Cotidiano Escolar. *Revista Brasileira de Gestão e Inovação*, 6(2), 102–125. <https://doi.org/10.18226/23190639.v6n2.05>

Craven, M., Liu, L., Mysore, M., Wilson, M., (2020). COVID-19: Implications for business, McKinsey&Company, Retrieved from <https://www.mckinsey.com/business-functions/risk/our-insights/covid-19-implications-for-business>

Educação Financeira para Toda a Vida. (2019, outubro 25). Sobre o Projeto. Disponível em: <http://ufpb.br/educacaofinanceira/contents/menu/educacao-financeira/Sobre>

Educação Financeira para Toda a Vida. (2021, Janeiro 22). Editais II OBEF. Disponível em: http://plone.ufpb.br/educacaofinanceira/contents/paginas/editais/copy3_of_edital

Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). (2017). Quem Somos. Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/quemsomos/>

Freita, B. (2020, fevereiro 13). Crise financeira de 2008: você sabe o que aconteceu?. Disponível em: <https://www.politize.com.br/crise-financeira-de-2008/>

GLEIF. (2018). Global Legal Entity Identifier Foundation: Annual Report 2018. Disponível em: <https://www.gleif.org/en/about/governance/annual-report>

Grohmann, A., Klühs, T., & Menkhoff, L.. (2018). Does financial literacy improve financial inclusion? Cross country evidence. *World Development*, 111, 84–96. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2018.06.020>

Lemos, M. (2021, janeiro). Como surgiu o novo coronavírus (COVID-19). Disponível em: <https://www.tuasaude.com/misterioso-virus-da-china/>

Lizote, S. A., & Verdinelli, M. A. (2014). Educação Financeira: um Estudo das Associações entre o Conhecimento sobre Finanças Pessoais e as Características dos Estudantes Universitários do Curso de Ciências Contábeis. *XIV Congresso USP Controladoria e Contabilidade - Novas Perspectivas Na Pesquisa Contábil*, 1–17. Recuperado de <https://congressousp.fipecafi.org/anais/artigos142014/442.pdf>

Locomotiva Instituto de Pesquisa. Economia e consumo na era da pandemia. (2020). Disponível em: https://0ca2d2b9-e33b-402b-b217-591d514593c7.filesusr.com/ugd/eaab21_c99e70218f694e40aef442b2e73f22f.pdf

Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2013). The economic importance of financial literacy. *Journal of Economic Literature*, 52(1), 65.

OCDE (2020). PISA 2018 Results (Volume IV): Are Students Smart about Money?, PISA, OECD Publishing, Paris. Disponível em: https://read.oecd-ilibrary.org/education/pisa-2018-results-volume-iv_48ebd1ba-en#page19

Okumura, R. (2020, outubro 30). Na pandemia, 67% dos alunos têm dificuldade de organização. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/na-pandemia-67-dos-alunos-tem-dificuldade-de-organizacao,ba3b906910fe78c15ec20517f1882ef1tj66nl60.html>

Rossini, M. C. (2020, março 25). OMS declara pandemia do coronavírus. Mas o que isso significa? . Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/oms-declara-pandemia-do-coronavirus-mas-o-que-isso-significa/>

Savoia, J. R. F., Saito, A. T., & Santana, F. de A. (2007). Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração Pública*, 41(6), 1121–1141. <https://doi.org/10.1590/s0034-76122007000600006>

Universidade Federal da Paraíba – UFPB. (2020, 29 de Setembro). UFPB realizará 2ª Olimpíada Brasileira de Educação Financeira de forma remota. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/ufpb-realizara-2a-olimpiada-brasileira-de-educacao-financeira-de-forma-remota>

Universidade Federal da Paraíba – UFPB. (2019, 29 de julho). Criada pela UFPB, Olimpíada Brasileira de Educação Financeira tem 40 mil inscritos. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/promovida-pela-ufpb-olimpiada-brasileira-de-educacao-financeira-tem-40-mil-inscritos>

Yazbek, P. (2020). Pandemia prejudica o orçamento do brasileiro, mas eleva interesse por educação financeira, diz pesquisa. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/pandemia-prejudica-o-orcamento-do-brasileiro-mas-eleva-interesse-por-educacao-financeira-diz-pesquisa/>